

**NEGA LÚ: um frenesi na maldita Porto Alegre****NEGA LÚ: a frenzy in damn Porto Alegre**Marlise Giovanaz<sup>1</sup>  
Ana Carolina Gelmini de Faria<sup>2</sup>

DOI 10.26512/museologia.v11i21.41265

**Resumo**

O texto, ancorado nos debates da Museologia Contemporânea, propõe analisar as concepções expológicas e expográficas da exposição de curta-duração *NEGA LÚ: um frenesi na maldita Porto Alegre*. A experiência museal proposta é produto da parceria do *nuances* - grupo pela livre expressão sexual, que em 2021 completou 30 anos atuando pelos direitos da comunidade LGBT gaúcha, com a graduação em Museologia e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS. Tal iniciativa integra o projeto contemplado no edital *Eu Sou Respeito* do Ministério Público Federal, decorrente da movimentação motivada pelo *nuances* após o fechamento da exposição *QueerMuseu* em 2017. Será abordado o processo criativo curatorial, analisando as escolhas teórico-metodológicas que conduziram a elaboração da iniciativa e seus desdobramentos. Defende-se que as práticas museais são instrumentos de luta contra o preconceito, a discriminação e a violência física e simbólica, capaz de promover um debate social que estimule o questionamento do modelo normativo imposto socialmente.

**Palavras-chave**

museologia LGBT; diversidade sexual; memórias marginalizadas. *nuances*. Nega Lú.

**Abstract**

The text is anchored in the debates of Contemporary Museology, and it proposes to analyze the expological and expographic conceptions of the short-term exhibition *NEGA LÚ: a frenzy in damn Porto Alegre*. The proposed museum experience is a product of the partnership of *nuances* - group for free sexual expression, which in 2021 completed 30 years working for the rights of the LGBT community in Rio Grande do Sul, with the crew of UFRGS Museology and the PPG Museology and Heritage. This initiative is part of a project contemplated in a public selection named *Eu Sou Respeito*, resulting from the movement led by *nuances* after the closure of the *QueerMuseu* exhibition in 2017. The article deals with the curatorial creative process, analyzing the theoretical and methodological choices that led to the elaboration of the initiative and its consequences. It is argued that museum practices are instruments to fight prejudice, discrimination and physical or symbolic violence, capable of promoting a social debate that encourages the questioning of the socially imposed normative model.

**Keywords**

LGBT museology; sexual diversity; marginalized memories. *nuances*. Nega Lú.

**Responsabilidade social dos museus**

Em novembro de 2015 foi aprovada, durante a 8ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade. A Museologia vem, desde a segunda metade do século XX, traçando perspectivas de uma construção teórica e prática compromissada com o sujeito. Essa premissa prevê o museu (em sua noção

1 Historiadora (UFRGS), mestre em História (UFRGS). Docente do curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS). Contato: mgiovanaz@gmail.com

2 Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Contato eletrônico: carolina.gelmini@ufrgs.br

mais ampliada<sup>3</sup>) alinhada às necessidades da sociedade. A Recomendação de 2015, traduzida para o português brasileiro pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em 2017, congrega vários termos emergentes na Museologia Contemporânea, tomados como debates irreversíveis desde a virada do século XXI:

Os Estados-membros são encorajados a apoiar a **função social dos museus**, conforme destacado pela Declaração de Santiago do Chile de 1972. Os museus são cada vez mais vistos, em todos os países, como tendo um **papel-chave na sociedade e como fator de promoção à integração e à coesão social**. Nesse sentido, podem ajudar as comunidades a **enfrentar mudanças profundas na sociedade, incluindo aquelas que levam ao crescimento da desigualdade e à quebra de laços sociais**. Museus são espaços públicos vitais que devem **abordar o conjunto da sociedade** e podem, portanto, desempenhar um importante papel no **desenvolvimento de laços sociais e de coesão social, na construção da cidadania e na reflexão sobre identidades coletivas**. Os museus devem ser lugares abertos a todos e comprometidos com o acesso físico e o acesso à cultura para todos, incluindo os grupos vulneráveis. Eles podem **constituir espaços para a reflexão e o debate** sobre temas históricos, sociais, culturais e científicos. Os museus também devem **promover o respeito aos direitos humanos e à igualdade de gênero**. Os Estados-membros devem encorajar os museus a cumprir todos esses papéis. (UNESCO, 2017, fl.7-8, grifo nosso)

Expressões como “coesão social”, “laços sociais” e “construção da cidadania” apontam para um compromisso a ser explicitamente assumido pelo museu - em suas diferentes manifestações: **responsabilidade**. Cabe, aos exercícios museais, a atitude socialmente responsável.

O termo responsabilidade social é usualmente utilizado em estudos sobre o caráter moral das empresas, mas de forma ascendente tem sido apropriado para análises de organizações de caráter público e/ou sem fins lucrativos quando se adota como perspectiva:

Responsabilidade social não é uma atividade separada da educação, e sim uma nova forma de educação, mais abrangente e consciente; não se restringe a atividades isoladas em determinadas datas; ao contrário, incorpora-se ao dia-a-dia das pessoas, intrínseca em cada gesto, em cada pensamento. Ainda há uma distância entre o que se ensina e o que se pratica. O fundamental é que responsabilidade social e ética não sejam apenas discurso ou boa intenção, mas configurem ações concretas, imprimindo coerência entre discurso e ação. (PEREIRA, 2003: 121)

A consciência de que o que se ensina [ou o que se anuncia enquanto discurso] pode não corresponder com o que se pratica nos leva a uma complexidade ética no campo museal. Em 2017, mesmo ano que passou a circular em português a Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções da Unesco, a exposição *QueerMuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* foi precocemente fechada em Porto Alegre. Um ano antes o Banco Santander anunciou seu novo Código de Ética no Brasil, tendo por princípio norteador a diversidade. Essa diretriz dialogava diretamente com um projeto

3 O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. [...] O museu pode ainda se apresentar como “uma função específica, que pode tomar a forma ou não de uma instituição, cujo objetivo é garantir, por meio da experiência sensível, o acúmulo e a transmissão da cultura entendida como o conjunto de aquisições que fazem de um ser geneticamente humano, um homem” (Deloche, 2007).” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013: 64;66).

expositivo idealizado pelo curador e crítico de arte Gaudêncio Fidelis. Sobre o episódio de interrupção às pressas da exposição, após quase um mês de exibição (quando era previstos 55 dias em cartaz), Paula e Domingues (2020: 82-83) analisam:

A convergência entre os interesses de Gaudêncio Fidelis e do Banco Santander foi festejada no release da exposição, que apresentava a Queermuseu como “uma iniciativa inédita que explora a diversidade de expressão de gênero e a diferença na arte e na cultura”; nas palavras de um dos diretores do banco, “a diversidade é um valor para o nosso negócio”. [...] Após três semanas de visitação regular, um revés abalou a aliança de interesses em torno da Queermuseu: um artigo de opinião no site Locus, de Passo Fundo (RS), afirmava que o Santander Cultural abrigava “pedofilia, pornografia e os mais variados ataques à moral e aos bons costumes que se possa imaginar”. Dois dias depois, a instituição viria a público fazer uma defesa da exposição, em resposta a protestos na internet e no próprio local, e às ameaças de clientes que prometiam encerrar contas e investimentos no Santander.

O protesto inflamado nas redes sociais em relação à exposição, iniciado pelo vídeo creditado a Felipe Diehl, autoproclamado fundador do grupo “Direita Gaúcha”, levou clientes do banco Santander a ameaçarem encerrar suas contas (embora maioria expressiva não tenha visitado a exposição). Assim, indo na contramão de seu discurso inicial, a instituição emitiu a nota nas redes sociais:

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição Queermuseu - Cartografias da diferença na Arte Brasileira. Pedimos sinceras desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da mostra. O objetivo do Santander Cultural é incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia. Nosso papel, como um espaço cultural, é dar luz ao trabalho de curadores e artistas brasileiros para gerar reflexão. Sempre fazemos isso sem interferir no conteúdo para preservar a independência dos autores, e essa tem sido a maneira mais eficaz de levar ao público um trabalho inovador e de qualidade. Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição Queermuseu desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana. O Santander Cultural não chancela um tipo de arte, mas sim a arte na sua pluralidade, alicerçada no profundo respeito que temos por cada indivíduo. Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos. (GI RS, 2017, doc. eletrônico)

A decisão, considerada um gesto de cedência à intolerância, foi muito questionada, uma vez que não condizia com o lançado Código de Ética da instituição. O próprio curador fez um balanço do episódio, considerado uma disputa política e ideológica:

[...] a disputa instalada no centro nervoso da exposição Queermuseu é aquela determinada pela mudança operada na compreensão do conhecimento através das imagens e como elas atuam através da relação que estabelecemos com objetos e eventos. Essa relação, mediada fortemente pelo processo cognitivo do indivíduo e aquele que envolve a estrutura psicológica, desencadeou uma imensa confusão teórica na qual se misturam ideologia, política e informações falsas de várias fontes, aquelas produzidas para fins políticos e eleitoreiros, para interesses obscuros de organizações e indivíduos, mas também aquelas de natureza científica formuladas e teoricamente equivocadas. (FIDELIS, 2018: 422)

Entre defesas e acusações, fato é que o Ministério Público Federal (MPF) interveio e, em seu parecer, afirmou a inexistência de material que fizesse apologia a qualquer crime:

Em notificação, recomendou a imediata reabertura da *Queermuseu*, e admitiu que o espaço falhara ao ceder à pressão dos protestos on-line: “os meios de comunicação virtual exercem impacto sobre as pessoas, cabendo atuações positivas voltadas à não repressão de ideias, inclusive aquelas rejeitadas pela maioria”. Com a negativa do Santander Cultural em acatar a recomendação, um Termo de Compromisso obrigou a instituição a patrocinar duas novas exposições, sobre as temáticas da intolerância e do feminismo, sob pena de multa de 800 mil reais. Em outubro de 2019, três anos após o lançamento daquele Código de Ética norteador pela “diversidade”, o Santander anunciou que não cumpriria o dever de realizar a mostra em torno do tema da intolerância. Assim, pagou metade do valor estipulado e abriu uma exposição intitulada *Estratégias do Feminino* em seu espaço cultural. (PAULA; DOMINGUES, 2020: 85)

Percebe-se, com a sanção do Ministério Público Federal, a importância do debate sobre responsabilidade social das instituições de caráter museológico. A recomendação da Unesco reafirma os museus como espaços de diálogo intercultural e aprendizado, que tem o potencial de sensibilizar a opinião pública (UNESCO, 2015), mas são posturas que não podem ficar só no discurso quando enfrentamos uma intolerância cultural enraizada que cotidianamente se evidencia frente ao estado democrático de direito. Combater a discriminação e intolerância é uma responsabilidade social a ser assumida pelo campo da cultura, especialmente o campo museal ao lidar [e operar] diretamente com a tessitura da memória social.

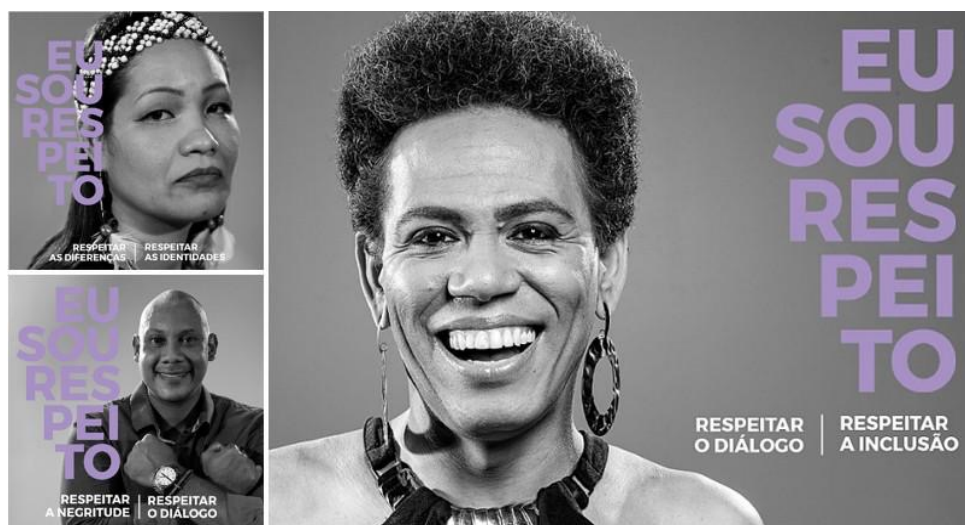
E é aqui que entramos nessa história.

### **Edital Eu Sou Respeito e o nuances - grupo pela livre expressão sexual**

O edital Eu Sou Respeito (figura 1) foi divulgado em janeiro de 2021 pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão do Rio Grande do Sul (PRDC/RS), órgão do Ministério Público Federal. A ação foi um exercício de reparo feito à sociedade, resultante dos R\$ 247 mil em recursos provenientes de multa paga pelo Santander Cultural em 2019 por não cumprir na íntegra o acordo extrajudicial assinado junto ao MPF-RS. Vale lembrar que a instituição tinha se comprometido a realizar duas exposições reparativas, que versassem sobre os temas empoderamento feminino e diversidade sexual. No entanto, cumpriu somente a realização da primeira temática (LAMPERT, 2021).

O edital dirigiu-se a proposições de promoção da igualdade de direitos, da tolerância e do respeito à diversidade. Foi possibilitado que participassem projetos que dessem visibilidade a iniciativas voltadas ao público LGBT e/ou mulheres - resultando na inscrição de 143 projetos. Fizeram parte da banca de avaliação vários procuradores do Ministério Público e dois representantes da sociedade civil, o professor Júlio Caetano Costa e o curador da exposição *Queermuseu* Gaudêncio Fidelis (LAMPERT, 2021). O encerramento da seleção aconteceu em maio de 2021 com a divulgação dos beneficiados pelo edital que foram:

Figura 1 - Edital Eu Sou Respeito



Fonte: Ministério Público Federal, 2021.

Foram escolhidos os seguintes projetos e seus respectivos proponentes: Amigo Pink (Somos), Close História do Movimento LGBTQIA+ do RS (CLOSE/IFCH/UFRGS), Fora da Margem (Associação Francisco Lisboa), Mulheres Indígenas em Contexto Urbano (Centro de Referência Afro-indígena do RS), Plataforma Lilith (Coletivo Quântico), Ser Trans (Ser Trans) e 30 anos em Exposição: nosso Queermuseu é nas ruas (Nuances). (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2021, doc. eletrônico).

Quando ocorreu a abertura do edital o Curso de Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foram convidados pelo coletivo *nuances* para propor o desenvolvimento de uma exposição que faria parte de um conjunto maior de atividades propostas pelo grupo no Projeto *30 Anos em Exposição: nosso Queermuseu é nas ruas* (figura 2). Desde o primeiro momento os integrantes do *nuances* salientaram que tinham a intenção de homenagear uma personagem de grande relevância na cultura e no universo LGBT da cidade de Porto Alegre, a Nega Lú, sob diferentes formas de intervenções artístico-culturais, a exemplo do grafite assinado pelo artista plástico SoulChambi (figura 2).

Figura 2 - Logo 30 Anos em Exposição: nosso Queermuseu é nas ruas e grafite da Nega Lú



A arte da logo é assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: *nuances*, 2021



Para iniciar o processo curatorial da exposição foi preciso uma aproximação com a personagem, ocorrida inicialmente a partir de evidências salvaguardadas no arquivo do coletivo ou mesmo fontes produzidas por eles, como a entrevista da Nega Lú ao *Jornal do Nuances* cedida em 1999 (ano 2, n.9) e o curta documental realizado em parceria com o *Catarse* em 2015<sup>4</sup>. Foi também fundamental no processo de pesquisa o livro de Teixeira (2015) *Nega Lu: uma dama de barba malfeita*, uma publicação de aspecto biográfico escrita pelo jornalista a partir de entrevistas realizadas com pessoas que tiveram sua vida marcada pela presença da Nega Lú.

Rapidamente a equipe curatorial foi seduzida pela personagem, seja por sua história insólita, seu charme e/ou pelas memórias dos que conviveram com ela. Nega Lú (figura 3) nasceu no ano 1950 no bairro Menino Deus, na cidade de Porto Alegre, em uma família de negros e foi batizada Luiz Airton Bastos. Ainda quando frequentava a escola já se anunciava como a Nega Lú, enfrentando todas as formas de preconceito que certamente foram dirigidas a ela. Impôs sua presença nos mais diversos ambientes culturais da cidade, transitou das salas de dança clássica aos bares menos prestigiosos da capital gaúcha (NUANCES, 1999, 2016; TEIXEIRA, 2015). Foi na tentativa de definir a personagem dentro de seu tempo que surgiu o nome da exposição - *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre*.

Figura 3 - Nega Lú



Fonte: Acervo nuances, s.d.

<sup>4</sup> Para assistir ao documentário, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQM0L8gPHwg> Acesso em nov. de 2021.

A oportunidade em trabalhar com uma personagem LGBT, a partir de uma perspectiva histórica relacionando aspectos étnicos, de classe ou de expressão sexual, coloca muitos desafios à pesquisa. Já se parte do conhecimento de que não serão encontrados nas instituições clássicas de memória, como arquivos e museus, materiais conservados que relembrem a vida destes sujeitos. Como nos lembra Boita (2020: 107),

Não podemos esquecer que, infelizmente, a sociedade brasileira é contaminada pelo racismo, pelo machismo, pela homolebotransfobia e por tantas outras fobias, e os profissionais dos museus não estão vacinados contra isso. Aprendemos a sermos preconceituosos, mas continuar sendo assim ainda é uma escolha!

Uma fonte com grande potencial para construir a visibilidade desses sujeitos são os acervos constituídos por si mesmos ou então por grupos ativistas que escolheram não silenciar pessoas e suas histórias. O *nuances* é um coletivo que tem feito muito barulho nestas três décadas de existência, e a exposição a ser realizada precisava representar mais um grito nesta longa trajetória. *Rompa o silêncio* foi o nome de uma das campanhas mais longevas na existência do grupo, e majoritariamente esta tem sido a missão do *nuances*, não se conformar com a invisibilidade e com o apagamento impostos pela sociedade envolta em racismo e preconceito, impor a presença da diversidade sexual em todos os ambientes sociais e lutar por direitos civis.

### Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre

Iniciamos a década de 20 do século XXI sendo a diversidade sexual ainda uma liberdade violada. Conquistas precisam ser alcançadas dia após dia, em um rito incansável. Na contramão, episódios incitam o preconceito e a intolerância. A exposição *Nega Lú: um frenesi na Maldita Porto Alegre* é um exercício de contramedida, proposta em defesa da construção de cidadania e promoção da igualdade social. Nega Lú foi uma celebridade popular da cidade de Porto Alegre, uma personagem marginal que foi ícone da transgressão em um Brasil marcado pela repressão da Ditadura Militar. Assim, o título reflete muitas das tessituras de Nega Lú com sua cidade: desde sua presença na Esquina Maldita a uma Porto Alegre que limitou seus passos, ainda que sua vida tenha sido marcada pela transgressão (figura 4).

Figura 4 - Logo da exposição Nega Lú: um frenesi na Maldita Porto Alegre



Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.

A exposição, de curta-duração, foi concebida por discentes, docentes e técnico-administrativo do curso de graduação em Museologia e Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da UFRGS - sob coordenação da Prof.<sup>a</sup> Marlise Giovanaz<sup>5</sup>, com acompanhamento de integrantes do *nuances* para alinhamento da proposta expositiva ao projeto *30 Anos em Exposição: nosso Queermuseu é nas ruas* - sob coordenação de Célio Golin<sup>6</sup>. O projeto gráfico é assinado por Vladimir Azeredo.

Um dos debatesropológicos centrais para o andamento do processo criativo era o caráter biográfico da exposição. Pesquisas desse caráter tem como medida o ser humano, buscando refletir, a partir dos fatos da vida, o processo de formação do sujeito. Isso significa tentar conectar-se com suas vivências, experiências, relações e características. Cada percurso é singular e define a identidade do sujeito. Tínhamos, por desafio, pesquisar uma história de vida:

As histórias de vida, nessa acepção, contribuem para que os sujeitos da narração resignifiquem acontecimentos e recriem fatos da memória individual e coletiva trilhados em suas vidas, delineados por marcas construídas numa relação intrapessoal, consigo mesmo e, interpessoal, estabelecida na relação com o outro. [...] essas vivências impregnadas de sentimentos ou tensionamentos estão, na maioria das vezes, relacionadas com a lembrança de fatos que aconteceram em um determinado lugar e em um espaço de tempo. Definimos lugar como o encontro com a experiência, algo que lhe confere sentido e significado. Assim, o lugar passa a ser singular, com representações importantes e subjetivas para quem o descreve, marcado por um tempo singular vivido. Ao tentarmos entender a temporalidade, percebemos, segundo Honório Filho e Erbs (2018), que há o tempo objetivo (cronológico, tempo dos registros); o tempo subjetivo (social, cultural, reflexivo); e, da intersecção destes dois tempos, o tempo da narrativa (instantâneo, coemergente, interativo, único, sem possibilidade de reprodução). (SIMÃO; FRISON, 2020: 73-74)

Uma das primeiras tarefas da equipe foi entender a personagem a partir de registros documentais e das memórias que os membros do *nuances* cultivaram e ainda mantém presentes da vivência com a Nega Lú. O resultado obtido precisa ser visto a partir deste filtro, ou seja, a representação da Nega Lú apresentada na exposição é majoritariamente a projeção que o grupo tem construído e se dedicado a preservar. Em consonância com Simão e Frison (2020), a solução encontrada pelo grupo curatorial foi selecionar aspectos da vida da personagem que tivessem maior destaque em suas próprias reminiscências e nas memórias daqueles que conviveram com ela. Após a análise definiu-se então os seguintes aspectos biográficos a serem explorados: a boemia, a Nega Lú enquanto artista, sua infância no bairro onde viveu desde o nascimento e seu vínculo com o catolicismo e o candomblé, e seu papel no carnaval do bairro - Nega Lú como porta estandarte da Banda da Saldanha.

Uma importante decisãoropológica adotada foi elaborar o circuito expositivo não em um museu ou salas preparadas para essa finalidade. Ao investigar a história da Nega Lú identificou-se que sua vida se reflete em vários pontos da cidade. Porto Alegre a marcou e vice-versa. O *nuances* e a equipe de curadoria optaram,

5 Equipe curatorial Museologia (MSL) da UFRGS: Ana Carolina Gelmini de Faria (docente); Alisson Almeida (PPGMusPa); Artur Bonfim (graduação MSL); Diully Novaczyk (graduação MSL); Elias Machado (técnico); Geovana Erlo (PPGMusPa); Maria José Alves (graduação MSL); Marlise Giovanaz (docente); Morgana Silveira Bartz (graduação MSL); Nicholas Aguirre (PPGMusPa); Vinícius Bard (graduação MSL).

6 Equipe *nuances*: Betânia Moraes Alfonsín; Liane Susan Muller; Célio Golin; Fabiano Barnart; Luís Gustavo Weiler; Marcos Renato Benedetti; Maurício Nardi Valle, Perseu Pereira; Raquel Basilone; Ronaldo Herrlein Jr.



NEGA LÚ: um frenesi na maldita Porto Alegre

como uma conversa despreziosa com a Nega Lú, compartilhar suas memórias em diferentes lugares, com enfoques distintos. Sua homenagem seria na rua.

Essa foi uma decisão determinante para o processo criativo, pois os aspectos biográficos selecionados tiveram cruzamento com a escolha dos pontos expositivos. Sendo uma marca da personagem o estilo de vida boêmio, quatro núcleos expositivos foram planejados em bares localizados em regiões estratégicas da cidade - um convite para saborear e brindar nos bares as memórias da Nega Lú: o primeiro foi uma instalação na Lancheria do Parque, importante referência na cultura porto-alegrense por onde Nega Lú desfilou infinitas vezes; na mesma quadra montamos o segundo núcleo, na parede externa do Bar Ocidente, local que tem como marca ser receptivo a todos os públicos, e onde a comunidade LGBT sempre foi acolhida; o terceiro núcleo temático foi no Bar Plano A, situado no bairro onde viveu Nega Lú; e, por fim, foi apresentada uma instalação na parede do Bar Venezianos, localizado no atual perímetro boêmio da cidade.

A escolha de realizar o projeto nas ruas foi uma experiência singular para todas as pessoas que interagiram com a exposição: para o *nuances* foi a afirmação de seu papel e responsabilidade social, celebrando os trinta anos de atuação nas ruas de Porto Alegre; para os proprietários dos bares uma resignificação de seus espaços, possibilitando inclusive pensá-los enquanto evidências históricas da cidade; para os transeuntes uma oportunidade de ter contato com a cultura em suas rotinas corriqueiras - muitos que visitaram os núcleos não possuem o hábito de frequentar museus. Destaca-se, ainda, a importância da iniciativa para a equipe curatorial: na dimensão prática foi um desafio planejar núcleos ao ar livre, que não tivessem nenhum controle sobre possíveis avarias e intempéries, além de algumas edificações serem tombadas, não podendo fazer uso de materiais interventores nas paredes, por exemplo. Na dimensão social teve-se a chance de propor um exercício museal afetivo, com abordagem afirmativa em prol das muitas diversidades que a Nega Lú representa: orientação sexual, classe social, raça e etnia, religião, entre outros aspectos.

Tendo mapeados os desafios, o grupo da curadoria iniciou o processo criativo. O primeiro núcleo elaborado foi a Lancheria do Parque. Inaugurado em 1982, a “Lanchera” formava, com os bares Ocidente e Escaler, o triângulo das Bermudas do Baixo Bom Fim - locais certos para bater ponto em uma noitada animada em Porto Alegre. A Lancheria do Parque sempre foi local de encontro: é um somatório de vozes, gestos, pedidos. Nessa dinâmica aparentemente caótica há uma harmonia compartilhada pelos seus frequentadores, que têm em comum o desejo de experimentar a vida cultural da cidade. Quem frequentou a Lancheria do Parque era habituado a ver Nega Lú no local, começando ou terminando uma noite agitada. Embora as cadeiras fossem disputadas, o habitual era ficar em pé, formando rodas animadas que tinham por referência o toldo vermelho da entrada. A Lancheria do Parque faz parte da memória afetiva que os porto-alegrenses tem da cidade.

A Lancheria do Parque foi o único bar que foi explorado o ambiente interno e, por ser um espaço pequeno e muito agitado, não foi possível elaborar estruturas nos corredores entre as mesas. Assim, utilizou-se como espaço expositivo uma parede branca rebaixada, que dá acesso aos banheiros, localizada nos fundos, mas de frente para quem entra no bar. Para marcar a presença da Nega Lú na “Lanchera” duas referências documentais foram norteadoras: a primeira um registro fotográfico (figura 5) e a segunda um relato do livro *Nega Lu: uma dama de barba malfeita de Teixeira* (2015: 152):

Habituada a exibir seus dotes artísticos, a Nega Lu protagonizou uma das cenas mais hilárias do Doce Vício ao subir numa mesa para oferecer à plateia um show particular de dança. Ela própria contou depois aos amigos o que se sucedeu: - Gente, as pessoas gritavam “Lu! Lu! Lu!”. Eu achei que estava arrasando. Lá pelas tantas, me dei conta de que gritavam para me avisar que a pá do ventilador de teto estava quase me degolando.

Figura 5 - Imagem de referência da Nega Lú para o núcleo da Lancheria do Parque



Fonte: nuances, s.d.

A curadoria planejou um efeito visual que, ao entrar na Lancheria do Parque, tivesse a impressão que a Nega Lú estava em cima de uma das mesas, tendo várias referências do bar saltando pelo movimento da personagem. O guarda-chuva foi um elemento aplicado à intervenção, propondo um efeito tridimensional à proposta expográfica (figura 6):

Figura 6 - Planejamento e execução do núcleo expositivo Lancheria do Parque



Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.

O bar Ocidente também não passou despercebido por Nega Lú por privilegiar a criatividade, a pluralidade e a livre expressão. Esse era mais que um simples entretenimento: o Ocidente contribuiu para o deslocamento do movimento cultural da Esquina Maldita<sup>7</sup> para o Baixo Bom Fim no começo dos anos 1980, tornando-se um símbolo da vida noturna gaúcha. Seu casarão é emblemático. A diversidade, sua marca registrada. De acordo com Oliveira (2013: 12):

Visualize um bar em pleno bairro Bom Fim, uma esquina, um casarão antigo, onde os sons alternativos ganham voz; sinta a liberdade de escolha e de possibilidades de um espaço de “bebedeira”, de criação artística, de música e de libertação sexual. Essa é a essência do Bar Ocidente, formador de uma cultura de contestação e frequentado por diversas tribos urbanas que criaram suas formas de socialização ante a realidade social do país. O Bar Ocidente é um bar que está localizado na Rua João Telles, esquina com a Avenida Osvaldo Aranha no centro do Bairro Bom Fim na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Ele foi inaugurado em 3 de dezembro de 1980, momento relevante e de grande carga emocional e simbólica por se tratar de cinco anos antes do fim da ditadura militar no Brasil. Esse espaço transformou-se rapidamente de um local marginalizado e “agitador” para o principal ponto alternativo da cidade, representando e sendo representado pelos estilos de vida de seus frequentadores. Assim, desde a sua criação, vem se constituindo em lugar de encontro, debate e diversão de sujeitos que, em diversos momentos, foram fundamentais nos movimentos de mudança de pensamento e abertura cultural. Por sua trajetória, o Bar perdurou ecoando sua história e hoje, sendo considerado Patrimônio Cultural da cidade, permanece como local de socialização de grupos urbanos: intelectuais, artistas, universitários, músicos, entre outros transgressores, libertários ou apenas pessoas que vivenciam juntos e na sua diversidade um ser “ocidente”.

Para ocupar a parede externa do Ocidente a equipe de curadoria optou por homenagear os diferentes bares que a Nega Lú frequentou na Esquina Maldita e no Baixo Bom Fim. Percorrer hoje a Av. Osvaldo Aranha é um ato corriqueiro. Muitas vezes atrasados, ou mesmo desatentos, parece cada vez mais difícil parar, observar e identificar elementos de sua trajetória. Dos vestígios que permanecem ficam evidências da versão alternativa da cidade - e um capítulo da história dessa avenida teve seus bares como protagonistas: em suas rotinas agitaram e influenciaram as formas de viver e se entender no mundo.

7 Nos anos 1970, a esquina da Av. Osvaldo Aranha com a Sarmiento Leite concentrava a força da contracultura da cidade. Os bares Alaska e Copa 70 se destacavam neste cenário de tensão e criação, em plena ditadura civil militar. A Nega Lú era frequentadora assídua do Copa 70, reduto de artistas e de músicos, que circulavam provocando os frequentadores da Esquina Maldita, por vezes ainda vestindo os figurinos das peças e dos shows que participavam.

Se para uns os bares eram espaços de experimentação e transgressão, para outros configuravam a versão de uma maldita Porto Alegre. A equipe curatorial tinha por desafio destacar que política, música e expressões artísticas eram os temas prediletos nos pontos de encontro. Seus frequentadores davam o tom das saídas, que tinham por desafio serem mais efervescentes do que na noite anterior. Nega Lú é personagem desta cena boêmia. Considerada um frenesi, tornou-se referência da diversidade sexual ao desafiar padrões de comportamento de sua época e promover o convívio com respeito às diferenças. As esquinas da Av. Osvaldo Aranha ficaram conhecidas por inspirar manifestações artísticas e culturais, reforçadas por presenças como de Nega Lú, que sentenciava: “Sou teimosa. Continuo apostando na arte” (NUANCES, 1999: 3).

Como solução expográfica foram elaboradas homenagens aos diferentes bares que compuseram a vida boêmia porto-alegrense dos anos 1970 e 1980. Seus destaques foram contextualizados, tendo como suportes bambolês coloridos suspensos (figura 7). Ao final do circuito foi realizada uma instalação da artista Sílvia Marcon com mosaico de azulejos, a partir do desenho do integrante do *nuances* Luís Gustavo, que ficará na parede do Ocidente como marca da realização do projeto do coletivo (figura 8).

Figura 7 - Planejamento do núcleo expositivo Ocidente



Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.

Figura 8 - Execução do núcleo expositivo Ocidente



Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.



O terceiro núcleo foi pensado no bairro Menino Deus. É caracterizado como um bairro residencial, marcado por tradições dos grupos que ali fixaram residência - a exemplo dos ritos e festas de tradição católica. A cidade começa no lugar onde moramos, relação que gera conexões profundas entre o território e seus moradores. Nega Lú integrava uma das famílias do núcleo negro do Menino Deus: os Bastos chegaram no bairro no começo do século XX. Difícil pensar nela e não lembrar do bairro. A equipe curatorial em suas pesquisas identificou que a vivência que teve com familiares, a comunidade do Colégio Infante Dom Henrique e vizinhança nessas ruas constituiu sua personalidade.

O bar Plano A, espaço que recebeu o terceiro núcleo expositivo, cedeu duas paredes externas para o processo criativo. Em um lado decidiu-se por apresentar as suas origens familiares e religiosas (figura 9). O convívio familiar da Nega Lú despertou seu interesse espiritual. Filha de Xangô e lansã, cumpriu todos os rituais de iniciação para se tornar um pai de santo. Das tradições que a influenciaram, sejam familiares ou da comunidade do bairro, passou a conciliar as atividades de batuqueiro com as crenças cristãs. Em uma entrevista afirmou: “Minha religião é a católica [...], mas o batuque está na veia”. (NUANCES, 1999: 3).

Figura 9 - Planejamento, montagem e execução do núcleo expositivo Plano A - família e religiosidade



Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.



Ainda explorando o bairro, identificou-se que as experiências que Nega Lú vivenciou no Menino Deus pulsavam em sua personalidade, ao ritmo de uma marchinha de carnaval na rua Saldanha Marinho. Bairro de origem do bloco carnavalesco Banda da Saldanha, criado em 1979, Nega Lú logo se tornou uma de suas assíduas foliãs, o que a levou à nomeação de Rainha da Banda da Saldanha. Como passista incorporava uma nova identidade, Ludmila Tereskova, inesquecível com sua meia arrastão, salto alto e cabelo pintado de vermelho para a ocasião (TEIXEIRA, 2015).

Quem presenciou Nega Lú na Banda da Saldanha como madrinha e porta-estandarte menciona esse tempo como memorável e as emoções despertadas são de alegria, igualdade, orgulho, simpatia e, inevitavelmente, nostalgia. A Banda da Saldanha marcou a trajetória da Nega Lú, pois se tornou uma forma afetiva de expressar seu vínculo com Porto Alegre, especialmente por heranças culturais familiares enraizadas no bairro Menino Deus.

Figura 10 - Planejamento e execução do núcleo expositivo Plano A - carnaval

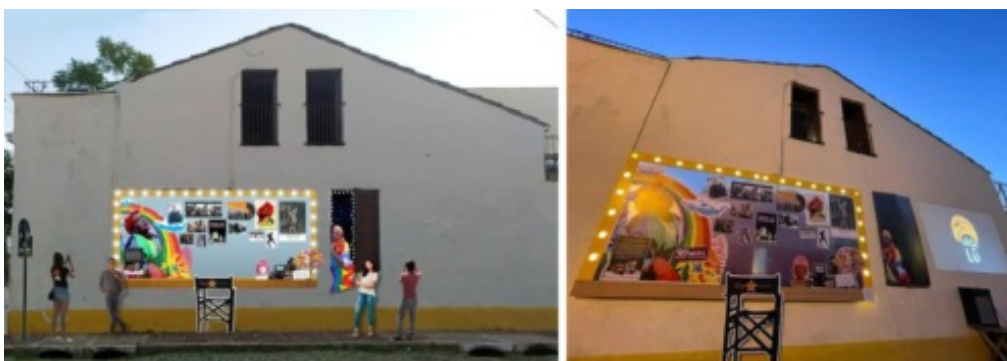


Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.

O último núcleo expositivo foi inaugurado no bar Venê. Nega Lú não chegou a frequentar o Venezianos Pub Café, aberto no ano de 2000, mas, de alguma forma, toda a trajetória histórica de resistência que havia sido antes manifestada na Esquina Maldita e Baixo Bom Fim serviu para abrir um caminho de diversidade e tolerância que chegou até a Cidade Baixa.

A Travessa dos Venezianos também evoca o mundo das artes, no qual Nega Lú transitava com a desenvoltura de uma musa polifônica. Como se não bastasse brilhar no balé clássico, sua voz potente permitiu sua atuação em diferentes gêneros musicais, foi de solista dos corais da UFRGS e da OSPA à desbocada vocalista da banda de blues Rabo de Galo. Coube, a esse núcleo, apresentar a Nega Lú artista, que reuniu várias referências do projeto do à personagem, tais como o grafite e o mosaico localizados em outras partes da cidade (figura 11).

Figura 11 - Planejamento e execução do núcleo expositivo Venê



Arte assinada por Vladimir Azeredo. Fonte: Curadoria, 2021.

A exposição *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre* está tendo impacto entre as comunidades de bairro e transeuntes, pois convida o público a perceber detalhes de um circuito de rua muitas vezes despercebido. Os núcleos expositivos foram inaugurados mensalmente (Lancheria do Parque e bar Ocidente em setembro, bar Plano A em outubro e bar Venê em novembro de 2021) e, aos poucos, está sendo desmontada. Essa é a dinâmica das ruas: o ir e vir, o surgir e desaparecer, a presença e ausência. O que ficam são as relações (figura 12): muitas pessoas que visitaram os núcleos comentaram algum episódio com a Nega Lú. A exposição estimulou a valorização das pessoas que se tornam, em um jogo simbólico com a cidade, os principais patrimônios de Porto Alegre.

Figura 12 - Familiares visitando a exposição *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre*



Fonte: *nuances*, 2021.

A iniciativa do *nuances* é um compromisso com a cultura, com a democracia e com os direitos humanos. Nesse projeto, com a participação da Museologia da UFRGS, ambos reforçaram a importância de propor iniciativas culturais com responsabilidade social. Ao apresentar a *Nega Lú* pretendeu-se estimular a percepção no público de que cada comportamento nosso é uma atitude política. Da *Nega Lú* essa era uma atitude contestadora, com pitadas de afeto e partilha. Questões sobre a diversidade ainda são alvo de discriminação cotidiana. Esse é um debate social que precisa ser enfrentado, apresentando referências que estimulem o questionamento do modelo normativo imposto socialmente. Um viva ao coletivo *nuances* e a *Nega Lú*. Por uma Museologia da resistência, que esteja comprometida com a formação de cidadãos desprovidos de preconceitos.

## Considerações Finais

A Nega Lú viveu a cena artística de Porto Alegre nos anos 1970, 80, 90 e início dos 2000, ela frequentou os ambientes da dança, do teatro, da moda, do carnaval e da parada LGBT. Desde muito cedo foi exposta ao preconceito, sendo obrigada a afrontar todos os limites sociais, econômicos e morais que lhe foram impostos. De família afrodescendente e com posses limitadas, ainda adolescente se identificou como a Nega Lú e se tornou um verdadeiro frenesi em uma cidade provinciana: foi bailarino<sup>8</sup> da escola de dança clássica da russa Marina Fedossejeva, apresentando-se nos palcos mais concorridos da cidade com muito sucesso. Foi membro do Coral da UFRGS e depois do Coral da OSPA, onde por muitos anos e em diversos locais sua voz marcante foi ouvida e gravada. Foi professor de uma das primeiras escolas de modelos da cidade, a La Porta, onde ensinava boas maneiras a garotas e garotos e como andar em uma passarela. Foi cantora da banda de blues *Rabo de Galo* nos anos 80 e garçõnete no histórico bar DoceVício nos anos 90. Mas foi sobretudo uma entidade que desfilava pelas noites loucas de Porto Alegre, usando figurinos chamativos, em geral acompanhados de um turbante, um collant de dança, muitos colares e anéis.

Nos anos 1970, chocava a Esquina Maldita (esquina da Osvaldo Aranha com a Sarmiento Leite) protagonizando números musicais e flertando com os bofes frequentadores. Nos anos 1980 e 90 era vista sempre no maior fervor do Bom Fim, no antigo Mercado, principalmente no Bar Escaler, onde se reuniam as trupes mais escandalosas e contestadoras da cultura local. Nos anos 1990, quando o *nuances* promoveu as primeiras Paradas Livres da cidade, lá estava a Nega Lú, sempre com uma montagem especial para o evento, brilhando nos desfiles do trio elétrico. Em 2021 completam-se 15 anos da passagem da Nega Lú de matéria a purpurina. Coube à equipe tentar fazer uma justa homenagem a essa criatura de nuances e de brilho.

Como o nome do projeto construído pelo *nuances* junto ao Edital Eu Sou Respeito já propunha: “30 anos do *nuances*: nosso Queermuseu é nas ruas”, as atividades propostas deveriam todas ser realizadas em espaços públicos e totalmente acessíveis. Foram identificados três locais de interesse para sediar núcleos da exposição, o Bairro Bom Fim, onde seria apresentada a Nega Lú boêmia, o Bairro Menino Deus, onde foi mostrada a infância, a religiosidade e a ligação com o Carnaval e o Bairro Cidade Baixa, espaço onde foi proposto demarcar a figura da Nega Lú em suas atividades artísticas.

A experiência museal foi gratificante: ocupar as ruas exigiu soluções desafiadoras, mas a apropriação das pessoas - que dedicaram um tempo de suas rotinas corridas para apreciar as propostas expositivas - evidenciaram a necessidade de uma Museologia mais ousada em todos os aspectos: mirar locais não convencionais para expor, propor abordagens temáticas envolventes, elaborar discursos que dialoguem com demandas do presente e oportunizar interações sem a sensação de uma vigilância opressora. O *nuances* e a equipe curatorial conseguiram aproximar Nega Lú das ruas novamente. Nega Lú, em contrapartida, ensinou que as ruas são mais acolhedoras do que se possa imaginar.

Se tem uma palavra que sintetize a exposição *Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre*, essa seria resistência. Ela integra um projeto aprovado em edital

<sup>8</sup> Optamos por não fazer uma definição única de gênero na escrita do artigo, procurando respeitar esta oscilação que pode ser encontrada nos registros documentais da própria personagem. Apesar de falar sobre si mesma sempre no feminino, podemos perceber que ela foi obrigada a oscilar entre sua auto-representação masculina e feminina de acordo com os espaços onde atuava.

NEGA LÚ: um frenesi na maldita Porto Alegre

que reforça o combate à intolerância; retrata uma personagem que ao longo da vida reagiu contra preconceitos de sua orientação sexual, classe social, raça e etnia, religião; exercita, em sua exibição, um diálogo que valoriza as pessoas por suas particularidades, trajetórias e legados. A exposição foi um exercício museal compromissado com sua responsabilidade social - buscou, nas relações de afeto da Nega Lú, estimular um pensar reflexivo sobre o direito humano de se viver plenamente, sem julgamentos. É um processo que valoriza as pessoas e suas histórias, como um patrimônio.

## Referências

BOITA, Tony. LGBTFobia Museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT. *Revista Ventilando Acervos*. v. especial. n.1, p. 104-115, jul 2020. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/Completa-v-especial-jul-2020.pdf> Acesso em nov. de 2021.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Armand Colin, 2013. 100p. Disponível em: [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf) Acesso em nov. de 2021.

FIDELIS, Gaudêncio. Queermuseu e o enfrentamento do fascismo e do fundamentalismo no Brasil em defesa da livre produção de conhecimento. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 417-423, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/85261> Acesso em nov. de 2021.

GI RS. Museu de Porto Alegre encerra exposição sobre diversidade sexual após ataques em redes sociais. *GI*, 10 de setembro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/museu-de-porto-alegre-encerra-exposicao-sobre-diversidade-apos-ataques-em-redes-socias.ghtml>. Acesso em nov. de 2021.

LAMPERT, Adriana. Projetos financiados por edital da campanha Eu Sou Respeito ganham forma em Porto Alegre. *Jornal do Comércio*, 4 de outubro de 2021. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/cultura/2021/07/804379-projetos-financiados-por-edital-da-campanha-eu-sou-respeito-ganham-forma-em-porto-alegre.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2021/07/804379-projetos-financiados-por-edital-da-campanha-eu-sou-respeito-ganham-forma-em-porto-alegre.html). Acesso em nov. de 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *MPF divulga projetos selecionados pela campanha "Eu Sou Respeito"*, 2021. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/rs/sala-de-imprensa/noticias-rs/mpf-divulga-projetos-selecionados-pela-campanha-201ceu-sou-respeito201d>. Acesso em nov. de 2021.

NUANCES. Nêga Lú: a bichice sem segredos. *Jornal do Nuances*, ano 2, n.9, 1999. p.3.

NUANCES. *Nega Lu*. Direção de Ana Mendes e Natália Bandeira, Porto Alegre, 2016. 1 vídeo (15min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQM0L8gPHwg>. Acesso em nov. de 2021.

OLIVEIRA, Pricila Chagas de. *Uma esquina de testemunhos, um projeto de memórias: a musealização do patrimônio cultural do Bar Ocidente*, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. 78p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/88674>. Acesso em nov. de 2021.

PAULA, Leandro de; DOMINGUES, João. Feitos da bolha: conservadorismo e militância digital no caso Queermuseu. *Revista Mídia e Cotidiano*, v.14, n.3, p. 76-96, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/43158/26174>. Acesso em nov. de 2021.

PEREIRA, Raquel da Silva. Responsabilidade Social na Universidade. *Revista Gerenciais*, São Paulo, v. 2, p. 113-125, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307791968\\_Responsabilidade\\_Social\\_na\\_universidade](https://www.researchgate.net/publication/307791968_Responsabilidade_Social_na_universidade) Acesso em nov. de 2021.

SIMÃO, Ana Margarida da Veiga; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Histórias de vida em pesquisa (auto)biográfica: circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação da aprendizagem. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p. 71-90, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7508/pdf\\_1](https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7508/pdf_1). Acesso em nov. de 2021.

TEIXEIRA, Paulo César. *Nega Lu: uma dama de barba malfeita*. Porto Alegre: Libretos, 2015.

UNESCO. *Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2017. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2017/05/RecomendacaoProtecaoMuseuseColecoes.pdf>. Acesso em nov. de 2021.